



Folha Leitor: o Espaço de Interação, Aproximação e Identificação com Seu Leitorado¹
Centro Universitário Franciscano, Santa Maria - RS

Carlos Felipe Spall²

Resumo

Este presente artigo apresenta o espaço Folha do Leitor, do Jornal On-line da Folha de São Paulo, através do posicionamento editorial e de relacionamento do grupo com seus leitores. O ambiente foi criado como um espaço democrático de manifestações de opiniões, críticas e sugestões ao jornal, caracterizando-se como uma extensão dos conteúdos produzidos para edição impressa da Folha de São Paulo. Algo novo, que amplia a participação e a manifestação do público sobre assuntos de interesse coletivo.

Palavras-chave: Jornalismo, interação, midiaticização, Folha de São Paulo, participação e convergência tecnológica.

Introdução

O texto jornalístico transcende às operações do “fazer saber” e “fazer crer”. A produção de conteúdo jornalístico assentada para web projeta novas formas de interpretação, interação e fidelização do seu público com a empresa jornalística. Este novo “ambiente democrático” de manifestação transformou-se em um dispositivo complexo e estratégico da sociedade contemporânea, o qual merece ser observado.

Os modos de produção do jornalismo impresso hoje ganham novos apelos enunciativos que assentados nas plataformas online. Nestes espaços, são propostos discursos enunciativos os quais buscam novos vínculos com o leitor. Essas “novas” formas de informar, com ênfase na mediação do jornal, neste caso o Jornal Online da Folha de São Paulo³, assumem não somente o papel de transmitir informação, mas, de produzir e fabricar o próprio relato das operações, instigando seu público. Ela apresenta um modelo que convida o leitor a um determinado tipo de enquadramento, propondo

¹ ¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

² Jornalista, aluno do Curso de Especialização em Comunicação e Projetos de Mídias do Centro Universitário Franciscano – Unifra. E-mail: cfspall@yahoo.com.br

³ <http://www.folha.uol.com.br/>



interações e gerando novos desdobramentos. Neste artigo, apresentamos um novo espaço do Jornal Folha de São Paulo que criou em outubro de 2011 a editoria Folha do Leitor⁴, em que a empresa se propõe a ampliar as possibilidades de o leitorado manifestar suas opiniões por meio de críticas e sugestões ao jornal, tornando essas manifestações a “própria notícia”.

Após o primeiro ano de atividade do espaço, o editor responsável pela mediação com os leitores fez um balanço do trabalho desenvolvido, garantindo que o Painel do Leitor on-line se consolidou como é um espaço mais flexível para manifestação de opiniões, ponderando que, em muitas vezes, quem “está do outro lado do balcão” enxerga os fatos de forma diferente e, esta visão, deve ser compartilhada”.

PAINEL DO LEITOR COMO INSTRUMENTO MEDIADOR

O Painel do Leitor on-line da Folha de São ⁵se propõe a ser um espaço para manifestação de opiniões diversas onde o público pode interagir em rede sobre os principais temas noticiados na edição impressa e on-line da Folha de São Paulo. Os leitores podem colaborar para o conteúdo da Folha enviando notícias, fotos e vídeos (de acontecimentos ou comentários) que sejam relevantes no Brasil e no mundo. O contato é feito por e-mail, leitor@uol.com.br ou leitor.online@grupofolha.com.br.

Após a mediação do jornalista da empresa, que filtra as informações enviadas, são produzidas novas notícias, também com caráter jornalístico, no entanto, a figura, a opinião do leitor, ganha status de sujeito dos fatos, dando a ideia da importância de sua representatividade para o portal de notícias. Por exemplo:

⁴ <http://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/>

⁵ <http://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/>



Foto 01⁶: notícia ilustrativa do dia 02 de novembro de 2012 sobre opinião de caixa dois de campanha.

02/10/2012 - 07h25

Para leitor, 'reforma política acabaria com caixa dois'

LEITOR **ANTONIO NEGRÃO DE SÁ**
DO RIO DE JANEIRO (RJ)

Recomendar < 0

+1 < 0

Hoje, entende-se que o ex-presidente [Fernando Collor](#) foi demonizado e cassado pela mesma razão por que pretendiam cassar e excomungar Lula: financiamento de campanha.

Esses financiamentos sempre existiram e vão continuar existindo (com novas artimanhas) enquanto não se fizer a reforma política.



Fernando Collor no seu 1º pronunciamento desde o "caso PC"

A formato de construção da notícia a qual dá maior visibilidade para o leitor manifestar opinião, abre espaço para um debate mais democrático sobre assuntos de interesse coletivo que permeiam nas esferas do poder judiciário, legislativo, executivo e também da própria mídia. Nesta compreensão, é possível observar que o texto jornalístico, instaurado em seu suporte, além de unificar vários textos e suas repercussões sobre o assunto de interesse abordado, é capaz de controlar os fluxos de sentido, uma vez que é quem articula e sentencia as questões a serem divulgadas nos espaços online.

O jornal torna-se então um veículo produtor de novos sentidos, em que, por causa de suas ações e de seus dispositivos, transcende a ideia linear de noticiabilidade básica entre produtor e receptor, tornando-se um instrumento de fabricação de sentidos, em que a referencialidade de seu conteúdo reflete os processos de produção de sentidos proferidos por estratégias discursivas que permeiam em diversos campos sociais.

Em texto que avalia o balanço do primeiro ano de atividade do Painel do Leitor On-line, o jornal aponta para integração entre os espaços reservados aos leitores na Folha impressa e na Folha On-line, potencializando assim o surgimento de novas mídias, estas híbridas, as quais vislumbram o futuro do jornalismo.

⁶ <http://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/1162400-para-leitor-reforma-politica-acabaria-com-caixa-dois.shtml>



Leitores de diferentes regiões brasileiras rapidamente enxergaram no Painel do Leitor on-line um espaço mais flexível para cobrar posicionamentos de autoridades públicas, bem como de empresas e instituições privadas, sobre direitos sociais, tão em voga na era de ampliação e acesso ao consumo. Este debate plural e às vezes acirrado de temas como violência e segurança pública, defesa do consumidor, orientação sexual, cotas em instituições de ensino superior, a CPI do Cachoeira, eleições, o julgamento do processo do mensalão e a maior visibilidade do Poder Judiciário brasileiro encontrou lugar seguro no site da **Folha**⁷. (Painel do Leitor On-line, 25/09/12).

Desta forma, é possível observar, corroborando Fausto Neto (2005), que os processos de produção dos discursos jornalísticos, bem como a articulação destes, são centralizados na conexão com o leitor, em que o enunciante convida o público a se manifestar reforçando o seu objetivo noticioso ou expandindo os pontos de observação. Esta natureza de posicionamento altera a concepção do discurso básico da notícia, em que, através dos feedbacks dos principais colaboradores do Folha Leitor é possível observar a eficácia deste sistema midiático. Com isso, é possível afirmar, que o principal ato comunicacional não repousa no âmbito da produção, nem da recepção, mas sim na circulação de informações e sentidos.

O leitor compreendido

As tecnologias potencializaram a globalização e elevaram a mídia a uma condição de centralidade social. Nessa perspectiva, Rodrigues (1990) propõe que a realidade contemporânea compreende dois tipos de sociedade midiática atualmente. A primeira tem sua noção baseada na noção de campo, que arquiteta os meios como um subsistema responsável por realizar certas funções sociais (entretenimento e vigilância, entre outras). Neste, o campo da mídia atua como mobilizador do debate público e da produção de sentidos entre os demais campos sociais. Nele os sujeitos e instituições disputam visibilidade através das representações veiculadas nos meios de comunicação tradicionais (rádio, televisão, revistas, e jornais impressos) para obter legitimidade social.

A segunda noção de sociedade midiaticizada ampara-se na afetação de sentidos de uma forma não linear, em que atores individuais, mídias e instituições manifestam-se em um cenário heterogêneo em virtude dos avanços tecnológicos onde a natureza da organização social é desconstituída (VERÓN 1997; SODRÉ, 2002). Assim, as tecnologias da comunicação, enraizadas no cotidiano, trazem novas possibilidades

⁷ <http://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/1158727-pagina-on-line-do-painel-do-leitor-completa-um-ano.shtml>



sócio-técnicas as quais indicam que os indivíduos utilizam da interação através de dispositivos para que se tornem visíveis no ponto de vista da mídiatização.

O desenvolvimento tecnológico colabora para aprimorar o alcance e relevância das mídias, mudando diretamente o modo de percepção do sujeito sobre a realidade. Essa transformação do sistema representacional de visibilidades das mídias tradicionais para um sistema de interatividade entre emissores e receptores é um fenômeno que advém da convergência tecnológica e modifica as lógicas de mediação da comunicação.

A Web 2.0 tem sua expressiva participação no aspecto tecnológico, mas não se reduz a isso. Conforme Primo (2006) a dinâmica social não deve ser explicada pela mediação da informática. Trata-se de um processo emergente que mantém sua existência através de interações entre os indivíduos (inter = ação entre). Isto é, contempla uma visão ampliada da comunicação, que se opõe a lógica da emissão e recepção e propõe um diálogo mais direto em outra instância. Considerando tais premissas, defende-se que a Web 2.0 leva em conta não apenas os aspectos tecnológicos e de conteúdo, mas também as interações sociais quanto a sua forma, no caso, os aspectos relacionais.

Os recursos e produtos desse tipo de rede são incorporados, gerados, transformados e movimentados através de ações intencionais ou não dos participantes. A interação social é caracterizada não apenas pelas mensagens trocadas e pelos integrantes que se encontram em um dado contexto geográfico, social, político, temporal, mas também pelo relacionamento que existe entre eles. Portanto, para estudar um processo de comunicação em uma interação social não basta olhar para o lado do eu nem do tu, por exemplo. É preciso atentar para “entre” o relacionamento. Trata-se de uma construção coletiva, inventada pelos integrantes durante o processo, que não pode ser manipulada unilateralmente nem pré-determinada. (PRIMO, 2006, p. 07)

Para Fausto Neto é possível reconhecer atualmente um “movimento inverso” dos sistemas representacionais amparado na convergência tecnológica. Ela permite a rearticulação dos processos de visibilidade a partir da interação entre produtores e receptores de discursos. Assim, a produção/interação/reprodução dos sujeitos é ampliada extrapolando a noção antes engendrada pelas mídias clássicas. A mídiatização institui assim um novo feixe de relações, engendradas em operações sobre as quais se desenvolvem novos processos de afetações entre as instituições midiáticas e os atores sociais.

As relações entre instituições e usuários sociais passam a ser mediadas por protocolos que se apoiam nas lógicas da mídiatização. A emergência deste é decorrência do próprio desenvolvimento de uma modalidade prática de comunicação que impõe aos campos de conhecimentos demandas de leituras



e de interpretações que superariam, por assim dizer, certos “protocolos clássicos”, cujos primeiros movimentos de compreensão dos fenômenos midiáticos trataram de aprisionar o próprio objeto. Sociedade dos meios para sociedade midiaticizada. (FAUSTO NETO, 2006, p. 08).

Direcionando o olhar ao campo jornalístico, Luhmann (2005) diz que as interações através de dispositivos midiáticos são características da transformação da sociedade dos meios para a sociedade midiaticizada, onde há uma interrupção do contato direto entre os indivíduos pela presença das mídias. Em que, para “jogar o jogo”, o internauta precisa aceitar as condições previamente estabelecidas pela estrutura do dispositivo que funciona por meio de um fechamento operacional, produzindo sua própria estrutura, selecionando e descartando o que não lhe interessa.

SUJEITO: O LEITOR INTERATIVO

Para participar do espaço Folha do Leitor, além do envio de opiniões espontâneas por e-mail para a editoria do espaço, o internauta pode cadastrar-se em duas novas sessões delimitadas para interação. No espaço “**Meu Olhar**”⁸, o leitor é convidado a enviar textos, vídeos, áudios e fotos conforme seu interesse em de compartilhado com os demais. “Essa seção receberá crônicas, curiosidades, fatos marcantes a partir do olhar do leitor sobre os acontecimentos em sua cidade, Estado, país ou durante uma viagem”, esclarece a Folha.

Na seção “**Vi na Web**”, o internauta poderá enviar vídeos de situações inusitadas vistas na Internet ou pessoalmente. Após a leitura do material por parte da equipe da Folha, o texto do leitor ou imagem poderá ser publicado pela redação da **Folha.com**. A participação é espontânea. O jornal não remunera suas fontes de informação. Por sua vez, o internauta deve preencher alguns campos obrigatórios que caracterizam a fidelização com seu público, tais como: nome, e-mail, número de identidade (RG), Cadastro de Pessoa Física (CPF), telefone (fixo e celular) e endereço completo. Sendo assim, através desse “contrato de leitura” mediado pela redação da Folha.com, dá para perceber que há uma alteração nos campos de produção e recepção da notícia, com base nesse remodelamento das arquiteturas de interação com o leitor.

⁸ http://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/colabore_com_a_folha.shtml



Com a chamada convergência tecnológica, instaura-se uma nova plataforma de circulação, assentada em diversidades de técnicas e de dispositivo, alterando as configurações e relações dos campos de produção e de recepção. Suas novas regras deixam de ser tácitas e passam a ser anunciadas publicamente para que os usuários possam saber como eles operam tais interações. Tais cenários implicam que as mídias desenvolvam enunciações pelas quais peçam ao leitor reconhecimento de seu trabalho, e possa também estabelecer regras com que definam as condições de reconhecimento dos seus usuários (FAUSTO NETO, 2010. p.9).

Diante dessa perspectiva, as mídias jornalísticas situam-se em uma dupla situação de representação: se autodefinem como representante da opinião pública, legado que lhes confere a noção de 4º poder, e o que lhes faculta perscrutar os outros poderes no sentido tirar das sombras aquilo que se evita dizer ou se torna invisível, conferindo-lhes ao campo jornalístico a vocação não apenas de representar, mas de apresentar a realidade por sua própria conta.

A principal competência midiática jornalística é da natureza discursiva na medida em que seus fundamentos de descrição/construção das realidades se fazem em meio às operações de linguagens e ao mesmo tempo em que os processos de noticiabilidade se estruturam além de parâmetros sócio-organizacionais, em presunções simbólicas, ou ainda, em referências e em transações que se realizam pelo capital das linguagens. (FAUSTO NETO, 2005, p. 14)

Essa representatividade de sentidos que é atribuída à mídia, a qual transcende a simples ideia de transferir informação, dá força para que ela seja estudada em uma dimensão social, cultural, política e econômica em relação à contemporaneidade. Por sua vez, sua onipresença e complexidade indicam variáveis sobre o entendimento de mundo e seus sentidos diante do compartilhamento de seus significados. Sendo assim, em tese, é impossível escapar da presença da mídia, tanto impressa como eletrônica, para fins de entretenimento e informação, de conforto e segurança e de trocas de experiências.

Neste ambiente “democrático” mediado pela mídia, é possível observar que os internautas que participam da Folha do Leitor encontraram no espaço um ambiente positivo para o debate, em que é preservada pela empresa a visão dos leitores sobre os conteúdos jornalísticos apurados e seus desdobramentos.

No primeiro exemplo, a estudante diz que se sentiu a vontade para dar opinião sobre os textos de Monteiro Lobato os quais estavam sendo acusados de racismo foi postado no dia 25 de setembro de 2012.



Foto 02⁹: Opiniões sobre o Espaço Folha do Leitor após um ano da plataforma.

Lígia Mendes Boareto, 23, mestranda em linguística e língua portuguesa, de Ribeirão Preto, SP

"Sou muito crítica em relação aos textos que produzo, e com o do Monteiro Lobato não foi diferente. Eu escrevi, mostrei para algumas pessoas e elas me encorajaram a mandar.



A mestranda Lígia Mendes Boareto, 23

Muitas vezes, nós não conseguimos traduzir o que pensamos em palavras, mas também não encontramos palavras de outros para nos representar.

A **Folha** estava cheia de notícias e textos opinativos sobre Monteiro Lobato. Entretanto todos do mesmo jeito, com a mesma estrutura, com os mesmos batidos argumentos.

Eu quis apresentar outra visão, um viés irônico, porém responsável. Um texto que não levasse a questão para o lado político, social, racial, e apenas falasse em defesa da

literatura.

Mais do que falar e defender meu ponto de vista, eu queria instigar o leitor a pensar, independentemente de concordar comigo ou não, eu quero é a discussão enriquecedora."

Em outro caso, estimulado pela Folha do Leitor em dar sua opinião, os leitores enfatizam a liberdade editorial que encontraram no espaço.

Foto 03:

Luiz Nusbaum, 61, médico, de São Paulo, SP

"O que mais gosto na página é do exercício do pleno direito de opinar, criticar ou elogiar, desabafar, sentir-se um membro ativo da sociedade. A chance de não calar frente a tantos desmandos.

Não gosto de ver no espaço dos leitores, que já é pequeno, eventuais respostas ou mesmo 'direito de resposta' de algum fato divulgado, em especial quando envolve algum órgão público ou ocupante de cargo público.

Geralmente são desculpas vazias e falsas promessas. Lamento a impossibilidade de réplica a algum comentário sobre algo que escrevi, especialmente quando se baseia em conclusões incorretas."



O médico Luiz Nusbaum, 61

⁹ <http://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/1158435-confira-a-opinioao-de-quem-participa-do-painel-do-leitor.shtml>



Em um terceiro exemplo, o leitor reforça que através do espaço aberto pelo Folha Leitor, seus posicionamentos foram ouvidos e interpretados com mais transparência.

Foto 04:

Yves de Carvalho Souza, 30, educador, de São Paulo, SP

"Resolvi mandar [um texto para o Painel do Leitor](#) porque estava sendo processado pela reitoria da USP (Universidade de São Paulo) e acusado de muitas coisas com as quais não tive nada a ver.



O educador Yves de Carvalho Souza, 30

De certa maneira, a USP me acusou de coisas das quais a universidade nem sequer tinha provas, além de tentar associar os jovens que foram vistos portando e consumindo entorpecentes no campus com o meu caso.

A minha intenção era de esclarecer a sociedade acerca do que realmente havia acontecido.

A repercussão da minha mensagem ao Painel do Leitor foi muito grande e levou a **Folha** a me convidar para escrever [um artigo em Tendências/Debates](#).

Nesse artigo, tive a possibilidade de explicar melhor o que ocorreu e, mais uma vez, a repercussão foi excelente.

Creio que esse fato deu sustentação à [decisão da juíza Alexandra Fuchs de Araújo](#), que concedeu a mim o mandado de segurança anulando o ato administrativo que me eliminou da USP."

Através dos três exemplos acima citados, é possível afirmar que o uso das tecnologias voltadas para os processos de conexão e de fluxos transformam as interações com os indivíduo, e suas relações, fazendo com que o contato proporcionado pelos mecanismos midiáticos seja “transportador de significados”. Corroborando Sodré (2002), a midiatização produz de fato a afetação das formas tradicionais por uma qualificação de natureza informacional, em vetores tecnológicos e mercadológicos regidos pela forma de interação, que se sobrepõem a prevalência da forma sobre o conteúdo semântico.

A mídia agora é parte da textura geral da experiência. Se incluíssemos a linguagem como uma mídia, isso não mudaria e teríamos de tomar as continuidades da fala, da escrita, da representação impressa e audiovisual como indicadores do tipo de respostas que procuro para minha pergunta, pois sem atenção às formas e aos conteúdos, Às possibilidades da comunicação, tanto dentro do tipo-por-certo de nossas vidas cotidianas como contra ele, não conseguiríamos compreender essas vidas. Ponto. (SILERSTONE, 2005, p.14)



É possível afirmar, contextualizando o pensamento de Fausto, que na sociedade atual os meios passam de atores a sujeitos centrais na vida cotidiana e as tecnologias de comunicação implantam-se vertical e horizontalmente nas instituições. Essa difusão de mensagens em todos os campos torna, por sua vez, uma sociedade mais complexa do que era quando estes suportes não existiam, ou existiam só existiam de maneira embrionária. Ou seja, é possível concluir que quanto mais midiaticizada uma sociedade, tanto mais ela se complexifica.

NOTA CONCLUSIVA

Foi possível observar neste presente trabalho a importância da mídia para legitimação do sujeito que vive em uma sociedade coletiva. Este sujeito observa nas potencialidades da Web 2.0 um vasto e novo campo de interação que se destaca através do uso das novas tecnologias. A mídia torna-se então, uma parceria do cidadão que busca reconhecimento e visibilidade. Seus modos de produção visam cada vez mais a criação de vínculos com o leitor. Ele, por sua vez, aproveita o cenário e participa ativamente da construção, da repercussão e da divulgação de novos fatos e opiniões. Com base neste cenário, novos dispositivos de relacionamento são criados para ampliar a visibilidade do leitor, que ganha representatividade nos portais de notícias em função de suas manifestações. Inevitavelmente este cenário vai ser ampliado, porque o jornalismo hoje se configura a cada dia como um poderoso canal de transformação social, os quais são ampliados em função dos novos processos midiáticos de produção e circulação de informação.



Bibliografia

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FAUSTO NETO, Antonio. A circulação além das bordas. In: ____; VALDETTARO, Sandra. (Org.). **Mediatización, sociedad y sentido: diálogos entre Brasil e Argentina**. 1. ed. Rosário: Departamento de Ciencias de la Comunicación - UNR, 2010. v. 1. 215 p.

FAUSTO NETO, Antonio. **Mediatização, prática social, prática de sentido**. Paper. Bogotá: Seminário Mediatização, 2006.

LUHMAN, Niklas. **A realidade dos meios de comunicação**. São Paulo: Paulus, 2005.

PRIMO, A.. O aspecto relacional das interações na web 2.0 In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília. Anais, 2006.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da Comunicação**. Questão Comunicacional e Formas de Sociabilidade. Lisboa: Presença, 1990.

PRIMO, A.. **O aspecto relacional das interações na web 2.0** In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília. **Anais...**, 2006.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**. Por uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

STASIAK, Daiana. **Sociedade midiaticizada e convergência tecnológica: as afetações do Campo dos *media* na contemporaneidade**. Trabalho apresentado no DT 5 - Comunicação Multimídia do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 27 a 29 de maio de 2010.

VERÓN, Eliseo. *Conversacion sobre el futuro de la comunicación*. 2002. (www.ubanet.com.ar). Apud Fausto 2006.